

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO  
BÁSICO (EREREBÁ)**

**CARLA SCHUSTER DAMASCENO**

**A VIAGEM DE ZURI:  
*HISTÓRIAS PARA RECONTAR A HISTÓRIA***

Rio de Janeiro  
2021



**CARLA SCHUSTER DAMASCENO**

**A VIAGEM DE ZURI:  
*HISTÓRIAS PARA RECONTAR A HISTÓRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador (a) Professor (a) Dra. Alline Torres Dias da Cruz

Rio de Janeiro

2021

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

D155 Damasceno, Carla Schuster  
A viagem de Zuri: histórias para recontar a história / Carla Schuster  
Damasceno. - Rio de Janeiro, 2021.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das  
Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro  
II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Alline Torres Dias da Cruz.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Educação. 3.  
Antirracismo. 4. Mulheres negras. I. Cruz, Alline Torres Dias da. II.  
Colégio Pedro II. III Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

**CARLA SCHUSTER DAMASCENO**

**A VIAGEM DE ZURI:  
*HISTÓRIAS PARA RECONTAR A HISTÓRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2021

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Alline Torres Dias da Cruz  
EREREBÁ-CPII  
Orientadora

---

Professora Doutora Silvia Barros da Silva Freire  
EREREBÁ-CPII

---

Professora Mestra Carolina Gonçalves Alves  
CPDOC-FGV

Para minhas ancestrais (in memoriam):

Maria Rodrigues Schuster

Antônia Alves Damasceno

Elza Schuster Damasceno

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Elza Schuster Damasceno (*in memoriam*) e Arnon Geraldo Damasceno, que me proveram de amor, carinho e oportunidades de estudo.

Ao meu companheiro, Enéias Palma da Silva, pelas leituras e discussões, que me possibilitaram os ajustes de rota e me impulsionaram a seguir, especialmente no momento difícil da pandemia.

Agradeço ao meu filho Jonas, por me escolher como mãe e por me fazer querer ser uma pessoa melhor para o mundo e para ele.

À minha tia Celita, por ter sempre uma palavra de apoio e incentivo, e por ser colo de irmã.

Agradeço às minhas comadres, Lúcia e Elaine, pelo aconchego e pelo afeto para comigo e com Jonas.

À Michelle, minha Chequinha querida, irmã que a vida me deu de presente, pelas longas conversas, que, mesmo espaçadas pela falta de tempo, são como farol que clareia a alma.

À minha *Rede*, amigas amadas com quem compartilho, desde a graduação na ECO/UFRJ, confidências, suporte e amor genuíno, a família que escolhi.

À minha terapeuta Daisy Justus, com quem conversei sobre sonhos, sacudidas e novos rumos, por me indicar o caminho para reencontrar minhas forças e virtudes.

Agradeço à minha orientadora, Alline Torres, que incansavelmente me emprestou a escuta atenta, o afeto, o apoio e o incentivo necessários para que esta história não parasse no tempo.

Aos professores do curso EREREBÁ, por me mostrarem a força de seus projetos no universo da educação, pelas conversas “escurecedoras” e pela firmeza de seus propósitos.

E finalmente, agradeço às minhas colegas e aos meus colegas do curso EREREBÁ, turma 2019, por seguirem firmes e fortes na luta por uma educação antirracista.

“Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás.”

(Significado de Sankofa, ideograma Adinkra, de origem Akan, povo da África Ocidental)

## RESUMO

DAMASCENO, Carla Schuster. A viagem de Zuri: histórias para recontar a História. 2021. 48 f. (total de folhas). Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta a contação da história “A viagem de Zuri” em formato audiovisual, cujo roteiro foi elaborado a partir da pesquisa bibliográfica e audiovisual acerca de mulheres negras que atuaram para a construção da cultura e o desenvolvimento da nação brasileira, desde o colonialismo até o Brasil contemporâneo, e destacaram-se em diversas áreas do conhecimento, tais como: Cultura, Biomedicina, Religião, Engenharia e Esportes. Este produto audiovisual é proposto como recurso pedagógico interdisciplinar, a fim de contribuir para uma representação imagética de mulheres negras isenta de estereótipos reducionistas, descortinar o protagonismo de mulheres negras na História do Brasil e estimular o aumento da autoestima de crianças e adolescentes negras (negros e negrxs) dentro e fora do contexto escolar.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista. Protagonismo Negro. Mulheres Negras. Feminismo Negro. Contação de Histórias.



## ABSTRACT

DAMASCENO, Carla Schuster. *The journey of Zuri: stories to retell History*. 2021. 48 pages. Final Paper (Lato Senu Postgraduation Degree for Ethnic-Racial Relations Education ) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

The present work tells the story “The journey of Zuri”, a videomaking educational product whose script was written by the author from bibliographic and video research on black women who acted for brazilian’s nation development and culture, since colonialism times until contemporary days. These Women stand out on diverse range of knowledge fields, such as: Culture, Biomedicine, Religion, Engeneering and Sports. This audio-visual product is proposed as a interdisciplinary pedagogical resource, in order to contribute to a black women imagery representation free of reductionist stereotypes, unveil these women’s protagonism on Brazil’s History and encourage the increase of self estemm of black children and black teenagers inside and outside educational system.

**Keywords:** Anti-racist Education. Black Protagonism. Black Women. Black Feminism. Storytelling.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>16</b>
1.2.1	Objetivo Geral.....	16
1.2.2	Objetivos Específicos.....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>PERSONAGENS FEMININAS .....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>ROTEIRO.....</b>	<b>37</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A partir do livro “Lugar de Fala”, de Djamila Ribeiro (2019), parte da coleção Feminismos Plurais, dos textos de e sobre Lélia Gonzalez (GONZALEZ, LIMA e RIOS, 2020), dos ensinamentos contidos na obra “Mulheres – Raça e Classe”, de Angela Davis (2016), da discussão historiográfica sobre a resistência de “Mulheres Negras no Brasil Escravista e no Pós-Emancipação” (XAVIER, FARIAS e GOMES, 2012), da relação tradicional africana da transmissão de histórias a partir da literatura oral, de origem *griô* (SILVA, 2013, p. 3) e da literatura infantojuvenil de autoria feminina negra ou afro-brasileira<sup>1</sup> proponho, com este trabalho, a produção de um projeto audiovisual sob uma perspectiva negra feminina e feminista. Por meio da confecção de roteiro e de contação de uma história - A viagem de Zuri, ambos de minha autoria -, gravada em vídeo -, pretendo ressignificar o protagonismo de mulheres negras em diferentes contextos da História do Brasil. Esta ressignificação diz respeito à publicização de algumas histórias de mulheres que viveram em diferentes contextos históricos e que atuaram em diversos campos da vida social, rompendo, de algum modo, com formas de opressão instauradas pela lógica colonialista e patriarcal, pelo racismo estrutural e pelo sexismo nos espaços de poder e de gestão. Desta forma, decidi criar uma personagem, Zuri, uma menina de 13 anos, de pele negra, reluzente como a noite, que, após sofrer um ato de discriminação no ambiente virtual de uma aula de História do Brasil, entra em estado de torpor e ausência da realidade, no qual, através de uma viagem mental, onírica, acessa as histórias dessas mulheres. Zuri representa a juventude dos tempos contemporâneos, que começa, felizmente, a acessar modelos de representatividade negra em ambientes virtuais e nos meios de comunicação de massa, como o cinema e a TV, nas histórias em quadrinhos e na produção literária de autoria

---

1 Cito 5 (cinco) obras literárias de autoria feminina negra fundamentais para meu despertar como leitora e contadora de histórias para o público infantojuvenil. São elas: “O menino Nito”, de Sônia Rosa (Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006), “Meu avô é um Tata”, de Janaína de Figueiredo (Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2018), “O mundo no black power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira (São Paulo: Peirópolis, 2013) e “Nuang: caminhos da liberdade”, de Janine Rodrigues (Rio de Janeiro: Piraporiando, 2017).

negra. Entretanto, uma juventude que deve acessar o passado para aprender as histórias de luta por direitos do povo preto, e, para a jovem Zuri, as histórias de mulheres que pavimentaram e pavimentam o caminho para as próximas gerações, através de articulação política e econômica, estratégias de ocupação de espaços de poder, liderança e cooperação. Afinal, “nossos passos vêm de longe”, frase-lema que ganhou visibilidade a partir da voz e da escrita da médica, comunicóloga e diretora executiva da Anistia Internacional, Jurema Werneck.

A criação do roteiro e da contação foi produzida a partir da pesquisa bibliográfica e audiovisual<sup>2</sup> acerca de mulheres negras em diversas áreas, tais como ciência, artes, engenharia, esportes, política e religião, de modo a superar a visão hegemônica masculina, machista, branca e patriarcal sobre a participação sociocultural e política dessas mulheres no país.

A escolha das personagens para o vídeo teve como critério o pioneirismo em suas áreas, a luta contra o colonialismo, o sexismo e o racismo estrutural de nossa sociedade, a busca por direitos em suas áreas de atuação e a capacidade de articulação política para conseguirem ocupar espaços tradicionalmente ocupados por homens.

Dandara de Palmares surge como peça fundamental de um dos maiores e mais longevos quilombos do país, e ao lado do líder Zumbi liderou batalhas e articulou estratégias para o enfrentamento de seus perseguidores, tornando-se exemplo de liberdade, ainda no século XVII. Enedina Marques, primeira mulher engenheira a se formar na Universidade do Estado do Paraná, enfrentou preconceitos e abriu portas para um setor até hoje muito fechado para as mulheres, destacando-se com inovação e persistência. A líder religiosa Makota Valdina trouxe a sabedoria ancestral de aperfeiçoamento da oralidade para se articular politicamente e apresentar o valor da religião de matriz africana em espaços acadêmicos e governamentais. Mercedes Baptista, bailarina e coreógrafa, trouxe elementos estéticos da dança afro-brasileira para o balé, e foi pioneira ao trazer para a arte da dança a união entre o erudito e o popular. Daiane dos Santos, atleta da ginástica olímpica, rompeu barreiras de preconceito e

---

2 Endereços dos vídeos e páginas consultadas disponíveis no item Referências Bibliográficas.

inovou a ginástica artística com saltos e coreografias, tornando-se a primeira ginasta negra a ganhar uma medalha de ouro em um mundial, em sua categoria. E finalmente, escolhi Jaqueline Góes de Jesus, a biomédica que integrou a equipe que sequenciou, em tempo recorde, o código genético do novo coronavírus, reforçando a importância do investimento em ciência no nosso país e das oportunidades para mulheres negras nesse setor.

O projeto audiovisual destina-se a alunos do sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental II. Acredito que este projeto pode afetar a percepção desses adolescentes sobre a fundamental participação das mulheres negras na formação do país, para além dos estereótipos de submissão escravista e classicista de nossa sociedade. Pode ser inserido como ponto de partida para o debate das relações étnico-raciais no Brasil em várias disciplinas, tais como: Sociologia, História, Geografia, Ciências, Português e Literatura, por exemplo. A escolha deste formato deve-se pela proximidade da linguagem audiovisual ao público jovem, cada vez mais conectado aos espaços virtuais e multimídia.

O projeto em formato de vídeo tem duração de pouco mais de 20 minutos. Como desdobramento do mesmo, que se pode chamar de “projeto-piloto acadêmico”, pretendo reduzi-lo para um formato adaptável às redes sociais (entre 7 e 10 minutos) e transformá-lo em “Oficina de Relações Étnico-Raciais através da Contação de Histórias”, de forma que eu possa apresentá-lo em escolas públicas, sob forma extracurricular, junto a salas de Leitura ou como marco inicial de disciplinas várias.

O *link* do vídeo, com duração de 23 minutos, será encaminhado à banca avaliadora, junto com o presente texto.

## 1.1 Justificativa

Nasci numa família de pai negro de pele clara e mãe branca. Meu pai é o irmão mais velho dos 12 (doze) filhos de Antônia e Raimundo, mineiros de São Gotardo. Minha mãe, falecida em 2012, a segunda entre os nove filhos de Maria, sergipana, e Isaac, judeu da Bessarábia, que pertencia à Romênia, onde hoje fica a Moldávia. Cresci em um ambiente amoroso e acolhedor, no Rio de Janeiro, onde a figura de minha mãe se destaca em minhas memórias de criança como a essência do amor, sempre disposta a levar os filhos para todos os lados, inventar brincadeiras e histórias. Tenho um irmão mais velho, apenas 1 ano e 3 meses de diferença. Quando éramos bem pequenos, lembro que a partir de meus 3, 4 anos, meus pais nos deixavam, sempre no começo de férias ou em algum fim de semana em que quisessem ou tivessem que se ausentar, na casa de minha avó paterna, Antônia, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. Ela era o supassumo da vovó mineira, minha rainha do pão de queijo. Seu marido era meu vô Raimundo. Não lembro de muitos momentos com ele, pois eu era muito pequena e ele morreu quando eu tinha 4 anos. Mas sua presença era austera, muitas vezes distante ou rígida. Um homem branco, alto, muito magro.

Vovô não se aproximava muito de mim ou de meu irmão ou de qualquer criança. Lembro que ele vivia no quintal da casa em Realengo, onde havia uma mangueira, uma goiabeira e algumas outras plantas que minha avó usava na cozinha. Sentava-se numa cadeira de balanço, não sem antes chamar a atenção de Daime, um vira-lata cor de creme. O mineiro Raimundo teve 12 filhos com Antônia, uma mulher negra, que trabalhava como dona de casa e na feitura do sabão, à época em que ajudava no incremento da renda familiar, ainda em São Gotardo-MG. Meu pai, seu primogênito, foi o primeiro da família a me contar que meu avô proferia falas racistas aos quatro cantos, em sua casa, referindo-se a pessoas negras com quem tivesse algum encontro para comércio ou outras atividades. “Era muita ignorância naquele tempo, filha”, meu pai explica. Minha avó era puro afeto com açúcar e pão de queijo. Deixava-me brincar com suas panelas no quintal, misturando terra e água. Lembro de, aos 4 anos, ela “brincar”

de colocar pregadores de roupa em meu nariz, já que eu tinha “herdado” as características de sua parte da família. Meu irmão, por ter menos traços fenotípicos da ascendência negra, escapava do que era visto, à época, como brincadeira, mas que revela o dia a dia da discriminação em famílias formadas por pessoas negras e brancas.

Talvez ele soubesse fugir com mais facilidade ou nem estava por perto, não lembro. A família de minha mãe, centrada em minha avó Maria, sergipana “retada”, também esboçou, em muitos momentos de minha infância, a predileção por crianças claras, de preferência que não fossem “atentadas”, que tivessem cabelo liso “escorrido”, que “não dá trabalho pra pentear”, como dizia. Somos muitos netos de Dona Maria e Seu Isaac, de todas as cores. Isaac Schuster, amoroso pai de 9 filhos, ensinou para minha mãe que o melhor da vida era chegar em casa depois de um dia de trabalho e sentar o filho no colo para ouvir e contar histórias. Minha mãe seguiu a receita à risca, e, por mais que na infância eu a visse correr de um lado para o outro, sempre tinha o colo pronto para o dengo e o chamego. Assistente social nordestina, nossas conversas sobre questão racial nunca foram aprofundadas ou permearam termos como racismo, herança africana, ou afrodescendência. Os anos 1980 ainda não eram disso. Ou talvez ela não me achava preparada para certos desconfortos. “Não quero que você sofra”, dizia, referindo-se às ações discriminatórias feitas contra pessoas negras, e das quais talvez ela achasse que eu estaria livre. Entretanto, nossas conversas e confidências sempre foram de um consolo muito forte para mim, onde cabiam momentos para me encorajar ou me proteger de algum comentário preconceituoso no ambiente escolar ou no trabalho, com relação aos meus cabelos crespos e cheios, sinais de minha ascendência negra, ou às comparações com uma suposta superioridade intelectual de meu irmão. Para ela, rever o passado e a herança negra da família de meu pai não indicaria, necessariamente, revisitar momentos de dor e sofrimento relacionados à escravidão e ao racismo no Brasil. Mesmo sem a profundidade de estudos sobre a História da África e da Diáspora, dona Elza sempre enalteceu as conquistas e o despontar da genialidade negra. No teatro, no esporte, na dança. Foi minha mãe que me apresentou ao rei do baião, Luiz Gonzaga,

ao rei da festa, Tim Maia, e ao rei das nossas tardes de sábado, Martinho da Vila. O rei de pernas tortas, Garrincha. O rei da gargalhada, Mussum. Mesmo não deixando de ser uma reprodução de uma ascensão dita “tradicional” de mobilidade socioeconômica de homens negros, minha mãe não deixava de exaltar as mulheres importantes para sua formação cultural e profissional, ainda que ela não destacasse o viés racial de suas atuações: Clara Nunes, Elizeth Cardoso, Elza Soares, Alcione, Elba Ramalho, Beth Carvalho, Maria Bonita - a atuação de Tânia Alves em especial da Rede Globo marcou minha infância –, e ainda Simone de Beauvoir, Zélia Gattai e irmã Dulce.

A falta de representação negra que eu via nos programas de TV e no cinema - só me reconheci como menina-mulher “morena” ou “mestiça” (hoje identifico-me como mulher negra filha de uma união inter-racial) quando apresentada ao seriado *Fame* (1982) ou ao filme *Flashdance* (1983) – era intensificada por ter estudado em escola de elite da zona sul carioca, onde cabelo crespo, “armado”, e “não-domado”, era uma afronta aos padrões estéticos brancos difundidos na época e ainda presentes hoje em dia. Apesar de não me arrependeu de forma alguma da educação escolar que tive, só desbloqueei anos mais tarde, em terapia, um incidente, na verdade uma situação de discriminação racial da qual fui alvo, junto com meus colegas de classe, ocorrido durante uma aula de História do Brasil, no final dos anos 1980.

O professor dividiu os alunos da sala em grupos que chamou de “sinhazinhas”, “sinhozinhos”, “mucamas” e “capitães-do-mato”. Ao ser escolhida como a “mucama”, as gargalhadas e os dedos apontados me trouxeram frios de estômago que sinto até hoje, quando tenho que falar em público. A timidez não dá conta do trauma. É terrível saber que persiste, ainda hoje, a comparação de crianças pretas às imagens deploráveis presentes em livros didáticos ou aos estereótipos presentes nos meios de comunicação de massa. A romantização do açoite presente na literatura, em peças de museu, novelas e filmes ou em estampas de tecido e faianças são, no mínimo, uma violência à infância e o reforço de um projeto de apagamento de nossa ancestralidade. Bem como a



naturalização da violência contra corpos negros, presentes no noticiário e no meio audiovisual.

Minha identificação como mulher negra ocorre em 2006, aos 32 anos, quando sou chamada para trabalhar no Projeto *A cor da Cultura*, uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho através do Canal Futura, e que contava, à época, com o patrocínio da Petrobras e apoio da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), CIDAN (Centro de Informação e Documentação do Artista Negro), TV Globo e Ministério da Cultura (MEC). Azoilda Loretto Trindade era a coordenadora pedagógica da primeira versão do Projeto, e com ela aprendi o que é trazer o afeto para crianças negras no ambiente escolar, em lugar da permanência de histórias de invisibilidade e opressão do povo preto. Com as vivências para nos tornarmos capazes de multiplicar experiências e materiais didáticos de cultura e história afro-brasileira a professores de escolas públicas, à luz da implantação da Lei 10.639/2003, sou confrontada com minhas lacunas, minhas sombras, meu racismo.

Mas, sobretudo, com minha vontade de mostrar outras formas de abordagem das culturas negras em espaços acadêmicos, de conhecer e me aprofundar no estudo de outras possibilidades de representação cultural midiática do povo preto. Em 2013, depois de perder minha mãe, ingresso no curso de pós-graduação de Comunicação e Imagem da PUC-RIO. A disciplina Representações do Brasil, ministrada pelo professor Daniel Pereira, me traz a vontade de escrever sobre as representações de resistência de mulheres e homens negros no cinema brasileiro, e daí surge a minha monografia “Imagens da resistência negra no Brasil - um olhar da História para além de Palmares.”

Chego ao EREREBÁ em 2019, disposta a trilhar os caminhos da educação antirracista, e finalmente me tornar uma educadora, sonho antigo. Nesse mesmo ano, tenho a grata surpresa de ser apresentada ao Curso de Contação de Histórias de inspiração griô, sob a regência de Sinara Rúbia, do Grupo Vozes da África. E aí “surgem” os livros infantojuvenis de autoria negra. Ah, quanta coisa bonita, rica e potente! Mas então surge também uma indagação constante: onde estão os livros que

encantam e contam a história da formação cultural, científica, política e socioeconômica de nosso país, com o protagonismo de mulheres pretas?

A partir de minha própria história de discriminação em ambiente escolar, também realidade diária de alunas e alunos negros país afora, trago aqui, neste TCC, a produção audiovisual, de forma a criar outras possibilidades imagéticas de representação da negritude feminina na História do Brasil. A proposta teórica e pedagógica é unir uma ferramenta de forte apelo infantojuvenil, o vídeo, com a contação de histórias, que traz o elemento da oralidade, da ancestralidade – lembrança de avó enrolando pão de queijo e contando ‘causos’ – e da participação de mulheres negras que raramente são analisadas, indicadas ou referenciadas no currículo escolar e na sala de aula. Então a ideia é a utilização deste vídeo para turmas do 6o e 7o anos do ensino fundamental, como recurso pedagógico complementar de disciplinas diversas, tais como História, Sociologia, Português e Literatura, Ciências, Matemática, Teatro e Dança. Ao se depararem com o protagonismo de mulheres em diferentes épocas históricas, pretende-se que jovens possam vislumbrar outras possibilidades de vivenciar suas próprias histórias, seu próprio futuro, outras formas de utilização potente de suas vozes. E como todos gostam de uma boa roda de história, *bora* ouvir a minha história? Quem quiser que conte a sua....

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a contação da história “A viagem de Zuri” em formato audiovisual, cujo enredo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica e audiovisual acerca de mulheres negras que se destacaram em diversas áreas da produção cultural, científica, participação e liderança políticas, atuando para a construção da cultura e o desenvolvimento da nação brasileira, desde o colonialismo até

o Brasil contemporâneo. Este produto audiovisual, a história “A viagem de Zuri”, pode e deve ser utilizado como recurso pedagógico interdisciplinar que auxiliará diversas disciplinas nas escolas, de forma a descortinar o protagonismo de mulheres negras na História do Brasil e estimular o aumento da autoestima de crianças e adolescentes negras (negros e negrxs), por meio da apresentação de imaginários e imagéticas femininas negras e antirracistas.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar mulheres negras que se destacaram e se destacam na História do Brasil em diversas áreas do conhecimento, tais como engenharia civil, dança, esporte, política, religião de matriz africana e biomedicina;
- Mostrar um panorama diverso da participação das mulheres negras na construção da cultura e desenvolvimento científico em diferentes épocas da História do Brasil;
- Valorizar as histórias e culturas afro-brasileiras como forma de resgate e desenvolvimento da autoestima, bem como de construção subjetiva e coletiva de crianças e adolescentes negras e negros, no âmbito da Educação formal e não-formal;
- Apresentar valores civilizatórios presentes na obra de LORETTO tais como ancestralidade, circularidade, musicalidade, ludicidade e oralidade, de modo a apontar elementos que possam transformar a (auto)visão da negritude no ambiente acadêmico;
- Reforçar a necessidade de implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para além das datas comemorativas, como um processo contínuo de ensino-aprendizagem, por meio das inter e transdisciplinaridades acadêmicas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O passado escravocrata das Américas marcou e ainda marca as relações sociais da vida privada e a pública em nosso país. E também marca o imaginário e a dimensão psicológica de pessoas negras contemporâneas, uma vez que as relações de exploração e subordinação escravistas permanecem em suas vidas e suas memórias<sup>3</sup>.

As mulheres negras aparecem nos livros didáticos como a “mucama”, a “ama-de-leite”, a negra de companhia da casa-grande. Este modelo de representação está presente também na televisão e no cinema nacional, através da estereotipia em marcas de plural (RODRIGUES, 2006): são “mães-pretas”, as “mulatas”, tidas como objetos de desejo, empregadas domésticas, mulheres místicas ou exóticas. Desde a implementação da Lei 10.639/03, que incluiu no currículo escolar a história e cultura afro-brasileira e africana para o ensino fundamental e médio, educadoras e educadores vêm fazendo esforço magnífico para ressignificar o papel de mulheres e homens negros na história nacional. E não somente aqueles/as que participaram de lutas, levantes; resistências várias estão sendo postos em evidência, como também outros narradores/as de Histórias e histórias.

Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes, Conceição Evaristo, Giovana Xavier, Nilma Lino Gomes, Ynaê Lopes dos Santos, Kiusam de Oliveira, Sinara Rúbia, Azoilda Trindade, Lélia Gonzalez são mulheres pretas que contam histórias sobre mulheres pretas. Sobre suas próprias histórias. Suas escrituras, parafraseando Conceição Evaristo<sup>4</sup>. Da ficção e da

3 No documentário *Menino 23* (dir. Belisário França, 2016), o historiador Sidney Aguilar descobre, a partir de uma investigação sobre tijolos marcados com uma suástica nazista encontrados numa fazenda no interior de São Paulo, um fato assustador: em 1930, 50 meninos negros foram levados de um orfanato no Rio de Janeiro para trabalhar como escravos.

4 A escritora Conceição Evaristo nos conta, em *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita* (2005), que o ato de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. A autora nos adverte que o ato da escrita, quando empreendido por mulheres negras, que transitam por lugares diversos aos lugares ocupados pelas elites, torna-se um ato de insubordinação. Esta insubordinação pode referir-se tanto à quebra das ditas “normas cultas” da língua portuguesa, quanto à escolha do tema que se quer narrar. Conceição Evaristo nos brinda com o fecho de seu texto dizendo que “a nossa escritura não pode ser lida como ‘histórias para ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” Em *Escrituras da Pós-colonialidade: memória e violência nos Becos da Memória, de Conceição Evaristo* (2020), Tarik de Almeida e Gabriela Andreatti, ao analisarem o livro *Beco da Memória*

História do Brasil. Será que as narrativas de autoras negras ainda estão invisibilizadas pelas narrativas ditas oficiais, escritas por homens, e cheias de elementos do patriarcado (leia-se machista-colonialista) em suas construções historiográficas e, por consequência, mantenedoras de relações sociais opressoras para o povo negro? Como romper com o ensino escolar que, ao reproduzir tais estereótipos, contribui para a baixa autoestima de alunas negras?

Desde o período escravista, passando pelos períodos do pós-emancipação (FARIAS, GOMES, XAVIER, 2012), nos séculos XIX e XX, e vislumbrando-se algumas mudanças positivas no nosso século XXI, a participação das mulheres negras na História do Brasil ainda vem sendo representada oficialmente, em livros de didáticos e na indústria do audiovisual, por meio de estereótipos de submissão, servidão e invisibilidade, e, mesmo assim, quando muito, apenas de maneira imagética-pictórica. Ou seja, sem relatos de suas realizações ou participação fundamental na formação da cultura brasileira.

Nos livros didáticos, aparecem as amas-de-leite, damas de companhia, companheiras de senhores e senhoras de engenho. Em *Casa e Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1933), livro ícone da representação do Brasil mestiço para o *mainstream* acadêmico, há a exaltação e até mesmo uma romantização da relação entre mulheres escravizadas e senhores, disfarçando-se os abusos e violências constantes sofridas por essas mulheres, o que registra um falso mito da “democracia racial” no país. “Mas é preciso ler Freire criticamente, indo na contramão daqueles, que, estimulados pela naturalização da miscigenação forçada do período colonial, perpetuam o mito da democracia racial.” (RIBEIRO, 2019). Gilberto Freyre era sociólogo, homem branco de família abastada pernambucana. Se por um lado essa obra rompeu com o racismo científico, que desde o século XIX apregoava uma suposta superioridade físico-intelectual de pessoas brancas sobre pessoas negras, o que se nota, a partir de *Casa*

---

(2017), daquela autora, discorrem sobre a importância da memória, da opressão, do silenciamento de vozes como elementos presentes nas manifestações literárias de mulheres negras, em suas escrituras, tornando-se relatos de libertação, de novas maneiras de se enxergar suas existências. Ato de descolonização.

*Grande e Senzala* (e várias narrativas posteriores), é que em sua maioria, elas são feitas por teóricos brancos, do sexo masculino e querem elevar o elemento “miscigenação” como fruto de uma relação pacífica entre senhores e escravizados. A partir de Freyre, principalmente, é que se constrói a ideia romântica de atração fatal e pecaminosa dos senhores para com as “mucamas”, abrandando os maus tratos sofridos por essas mulheres, inaugurando o imaginário, transplantado para a sala de aula e para o mundo, da representação cultural acerca da mulher submissa, subalterna, ou apaixonada pelo mundo que o senhor branco a proporciona.

Lélia Gonzalez, antropóloga e intelectual feminista negra, em 'Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira' (1979, p.3), traz a definição parcial do Aurélio para o verbete ‘mucama’: “escrava negra, jovem e de estimação, escolhida para os serviços caseiros ou para acompanhar as pessoas da família do seu proprietário.” A autora aponta para outro intelectual de destaque, Caio Prado Júnior, cuja obra *Formação do Brasil Contemporâneo* explicita que tais serviços caseiros estavam para além da sala e da cozinha. Porém, também objetificada e animalizada pelo historiador, a mulher escravizada atende ao desejo primal de seu senhor, longe do amor elevado, puro e casto, que este mantém para com sua senhora, conforme analisa Gonzalez. Para Lélia Gonzalez, o mito da democracia racial é fundado sob a neurose do branco dominador, que ainda hoje apaga, invisibiliza, esconde no quatinho dos fundos o seu ideal de desejo, que se mostra ao público apenas no carnaval sob a forma, ou melhor, as formas da “mulata”, que é “a tal” somente nesse cenário feérico, de conto de fadas. Passada a folia, a “mulata” volta a ser a mucama original, a doméstica que não adentra o recinto. Interessante é como Lélia Gonzalez explica a gênese da Cultura Brasileira, que podemos também chamar de identidade nacional. De acordo com a autora, a origem da cultura nacional está relacionada a uma outra função primordial, também destinada à mulher negra escravizada: a de “mãe-preta”: a que dá o peito às crianças do senhor, cuida, põe para ninar, protege, ensina brincadeiras, a andar e a falar. Ensina a

linguagem. “E que linguagem é esta?”(GONZALEZ, 1999, p. 8) – questiona-nos a autora. É ela, a própria cultura. A mãe preta é a verdadeira Mãe brasileira.

A romantização da relação mulher negra/indígena e homem branco também aparece nos romances literários de fins do século XIX e início do século XX, tais como *Iracema* (José de Alencar, 1865), *Senhora* (José de Alencar, 1874), *Lucíola* (José de Alencar, 1862), *Escrava Isaura* (Bernardo Guimarães, 1875), entre outros. As “morenas” sensuais de Jorge Amado, tais como as personagens Tieta e Gabriela, foram transferidas da literatura para a televisão e para o cinema, com grande sucesso de espectadores. Mesmo que em alguns casos, como no filme *Xica da Silva* (1976), de Carlos Diegues, a personagem interpretada por Zezé Motta possa ter rompido com a imagem de submissão ou subalternidade – talvez pela ascensão real que a escravizada liberta Chica da Silva alcançou ao tornar-se companheira de um contratador de diamantes no século XVIII –, a escolha do cineasta foi a representação de uma mulher como objeto sexual, “um personagem feminino complexo e contraditório – misto de Negro de Alma Branca, Mulata Boazuda e Nega Maluca” (RODRIGUES, 2011, p.56). O filme recebeu muitas críticas da intelectualidade negra brasileira à época de seu lançamento, e pode-se destacar a crítica de 15 de outubro de 1976, feita pela historiadora Beatriz Nascimento. Para a intelectual, a versão carnavalizada e alegre da miscigenação tropical exibida no filme de Diegues prolonga a visão romântica de Gilberto Freyre sobre a escravidão brasileira, mostrando a senzala do ponto de vista da casa-grande (STAM, 2008, p. 409-410).

Para além da representação subalterna e dolorosa do período escravista, das empregadas domésticas das novelas ou das mulheres-amantes hipersexualizadas, há que se entender dos saberes que foram transmitidos por mulheres negras ao longo desses cinco séculos de presença diaspórica no país, seja na forja de escambos, acertos, negócios, vendas, reuniões e planejamentos de fuga e resistência contra a opressão dos senhores, seja nas conquistas por espaços de trabalho preferencialmente destinados aos homens, e quando muito, às mulheres brancas.

E se pudermos contar uma história ao longo desses séculos em que a participação de mulheres negras seja fundamental para a construção de identidade e cultura nacionais? E que tenham a autonomia e emancipação como traços fundamentais para conquista de espaços tradicionalmente ocupados por homens brancos, em sua maioria?

Que mulheres podemos destacar e por quê?

Felizmente, a luta do Movimento Negro por políticas públicas na Educação resultou em algumas conquistas, como a política de cotas para estudantes negros(as) nas universidades e em concursos públicos, e as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que regulamentam o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica do Brasil. É claro que muitas mulheres se destacam no movimento negro educador, tais como Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, citada anteriormente. Porém, ao pensarmos na participação de mulheres negras na História do Brasil, em especial as que viveram entre os séculos XVI e XIX, percebe-se que durante muito tempo houve um desinteresse, no campo literário e acadêmico, sobre esta temática. A historiadora Mônica Lima (2013) nos conta que o processo de aglutinação de diversas etnias africanas em grupos de pessoas de acordo com a região do embarque em navios durante o tráfico transatlântico ou de seu tronco linguístico (minas, cabindas, congos, haussás), resultou no apagamento do registro histórico de deslocamentos de famílias, pontos de embarques e desembarques, diferentes ocupações socioeconômicas dessas mulheres. Não obstante, acredita-se que muito do que se tem como registro histórico deve-se também ao poder da tradição oral, onde se destaca a transmissão através da narração de histórias, muito presente nas sociedades africanas e atualizada pela cultura popular brasileira (LIMA, 2013). Podem-se encontrar na literatura acadêmica alguns relatos de época onde sobressaem muitas mulheres interessantes e importantes para a construção de uma narrativa de pioneirismo, rompimento com o status quo, autonomia e resistência feminina negra. No campo literário, felizmente autoras como Eliana Alves Cruz, com seu *Água de Barrela* (2018) e Jarid Arraes, com



*Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2017), resgatam e recuperam a participação fundamental de mulheres negras na história do país.

Ademais, ressalta-se a relevância de trazer os holofotes para mulheres que, entre os séculos XVIII ao XXI, trouxeram elementos fundamentais para a inserção de novas formas de pensar a cultura e a história brasileiras, como emancipação, superação, resistência, criatividade, enfrentamento, pioneirismo, dedicação, reverência e continuidade. Pois é preciso superar a noção estereotipada de participação de mulheres negras apenas no contexto de servidão ou subserviência. Quando se rompe com esta exposição, pode-se reafirmar e positivar o lugar social e socioeconômico dessas mulheres para além do espaço privado de homens e mulheres brancos. Sugere-se o equitativo, para além do igualitário, trazendo-se as noções de gênero e raça como fundamentais para uma nova interpretação da História do Brasil.

### 3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A contação de histórias de inspiração griô (ou griot/griotte) apresenta a literatura negra ou afro-brasileira sob a forma de oralidade. Inspiração, visto que o termo, de origem francesa, diz respeito ao contador de histórias tradicional africano, que também exercia funções sociais diversas. Silva (2013) nos conta que existem registros desta atuação-ofício desde o século XIV, no império do Mali, e pesquisas arqueológicas fazem crer que esta arte era (e vem sendo) praticada antes da era cristã. Segundo o autor,

as funções sociais de um griô são mais extensas do que se pensa: atuar como genealogista, conselheiro, guerreiro ou testemunha, recontar a História, servir de porta-voz, representar o governante como diplomata, mediar conflitos, interpretar e traduzir a palavra dos outros em diferentes línguas, tocar instrumentos, compor canções e melodias, cantar louvores, ensinar os estudantes, exortar os participantes numa guerra ou competição esportiva, transmitir notícias, conduzir cerimônias (como nomeações e iniciações), fazer a corte, casamentos, tomadas de posse e funerais.

Como mantenedores da tradição oral, os narradores africanos são artesãos da palavra, e estabelecem uma relação com o passado, com a transmissão de saberes e ensinamentos de forma lúdica. Ensino estes que podem estar relacionados ao ambiente da família, da comunidade, de um povoado, região ou nação. Um dos primeiros a registrar, no Ocidente, esta tradição oral de povos africanos, por meio de coletâneas, foi o etnólogo, antropólogo e explorador alemão Leo Frobenius (1873-1938). No Brasil, pode-se destacar o aproveitamento dos contos de origem africana no trabalho do historiador, folclorista e etnógrafo Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), que, com seus Contos Tradicionais do Brasil, de 1946, revela o estudo aprofundado das fontes de origem africana presentes nos contos da literatura infantojuvenil brasileira.

No âmbito da literatura de autoria negra ou afro-brasileira, parto do pressuposto de que a literatura, e seu desdobramento em contação de histórias através do recurso audiovisual, que adiciona mais camadas de autorias (roteiro, direção, edição), pode problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância e da juventude, seja no espaço da escola formal, ou em outros ambientes socioeducativos.

Deste modo, aproveito a abordagem conceitual dos valores civilizatórios afro-brasileiros apresentada por Azoilda Loretto (2005), com destaque para ancestralidade e oralidade, na busca de uma relação onde revisitar do passado, para com ele aprender, torna-se essencial para a construção de um novo presente, e, conseqüentemente, de um melhor porvir para crianças e adolescentes negros da escola básica.

Os valores civilizatórios de matriz africana foram trazidos pelos africanos e seus descendentes no Brasil durante a Diáspora, e imprimiram em nossa memória e em nosso modo de ser o que hoje faz parte da nossa brasilidade, que é plural. São eles: energia vital (axé; potência de vida existente em cada ser vivo); circularidade; corporeidade; memória, ancestralidade; territorialidade; religiosidade; cooperação; comunitarismo; oralidade; musicalidade e ludicidade (LORETTO, 2005).

Ademais, trago a inserção do audiovisual no ambiente escolar como elemento de aproximação com a linguagem contemporânea a que estamos inseridos, diante de um mundo onde a informação chega rapidamente nos smartphones, é absorvida subjetivamente de acordo com cada receptor e, em frações de segundos, encaminhada ou descartada. Um universo (talvez multiverso?) digital onde jovens da geração Z (nascidos entre 1997 e 2010) se atêm a no máximo 30 segundos de conteúdo nas redes sociais e onde influenciadores digitais ditam normas de comportamento e constroem identidades, ainda que sob a forma de personagens. Neste contexto, é importante ressaltar que quando se trata de Mídia e Educação, ou Educação Midiática, deve-se levar em conta duas formas de abordagem pedagógica, ambas com a mesma relevância: a educação ‘para’ as mídias e a educação ‘com’ as mídias. A prática de preparação para

as mídias torna-se fundamental no contexto atual, impregnado de mensagens e descoberto de leitura crítica sobre o contexto e a finalidade dos grandes grupos de comunicação para utilizar esta ou aquela plataforma digital ou aparelho midiático. Quanto a esta falta de “interpretação de texto” do ambiente digital, sugere-se a inserção de um panorama histórico da Comunicação em si, onde a contação de histórias surge como elo entre a literatura e o cinema, como abordagem introdutória do vídeo “A viagem de Zuri.” Ademais, a discussão sobre a linguagem midiática suscita o surgimento de outras possibilidades de linguagem entre os estudantes, que podem apresentar outras personagens negras utilizando-se de outros instrumentos de comunicação tais como fanzines, exposições fotográficas, entrevistas, disputas em slams, oficinas de vídeo-celular, entre outros.

Em “A viagem de Zuri”, produto educativo em formato de vídeo, a ancestralidade está presente na relação estreita que a menina Zuri mantém com sua mãe e com sua avó. As suas “mais velhas”, por sua vez, recorrem à montanha sagrada, Jiwe La Sukari, que representa essa memória ancestral, relíquia sagrada de nossos antepassados, que deve ser respeitada e preservada, pois guarda as memórias coletivas de cooperação e comunitarismo, de preservação cultural de um povo. Esta memória ancestral é compartilhada pelas anciãs através da palavra, das histórias de um passado longínquo e outro mais recente, estabelecendo-se a conexão entre África e Brasil. Em seu “sonho”, Zuri rememora algumas dessas histórias, que surgem por meio de personagens negras que carregam esta força ancestral, e que, por sua vez, também representam ancestrais femininas que transmitem ensinamentos, compondo um efeito circular de memória, oralidade e ancestralidade.

A história “A viagem de Zuri” poderia ser utilizada em algumas disciplinas. Em Português e Literatura, por exemplo, poderiam ser abordados livros que tratem sobre a transmissão de histórias por meio da oralidade, como *Bichos da África*, de Rogério Andrade Barbosa (2019), ou *Ynari, a menina de cinco tranças*, de Ondjaki (2004). Após a leitura de ambos os livros, o vídeo “A viagem de Zuri” traria uma outra

abordagem sobre a oralidade, a contação de histórias. A partir de roda de discussão e divisão em grupos, os alunos poderiam ser convidados a contarem algum episódio de suas próprias histórias ou de alguma personagem feminina importante de suas vidas, utilizando outras expressões da transmissão oral (linguagem oral), como o hip-hop ou a montagem de vídeos curtos para a internet.

Em Matemática, após a exibição da história da menina Zuri, poderiam ser sugeridos jogos de Etnomatemática em grupo ou a relação entre a Matemática e a Engenharia.

Em Ciências, o tema de sequenciamento genético poderia ser abordado após a exibição do vídeo, assim como poderia ser feita pesquisa sobre outras cientistas negras importantes, em outras expressões científicas (Astronomia, Biologia, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Zoologia, entre outras).

No próximo item são expostos resumos de biografias de mulheres pretas fundamentais para a construção de uma identidade nacional pautada em resistência e desafio.

#### 4 PERSONAGENS FEMININAS

Para a construção do roteiro de “A viagem de Zuri”, foi realizada pesquisa bibliográfica e audiovisual de mulheres negras de fundamental importância na História do Brasil. A escolha das mulheres que entraram no roteiro seguiu a preferência por uma abordagem cronológica.

##### **Dandara e suas herdeiras**

Apesar de haver vasta documentação sobre o quilombo de Palmares, que foi o maior quilombo brasileiro, surgido por volta de 1580 e tendo resistido por mais de um século – localizado na região da serra da Barriga, em Alagoas –, há poucas menções às mulheres africanas e afrodescendentes que lá viveram. Elas aparecem apenas quando referenciadas ao lado de Ganga Zumba (1630-78), primeiro líder de Palmares, mas como mulatas, negras e crioulas. Sem nome ou sobrenome. O nome de Dandara, líder guerreira quilombola, surge no romance de João Felício dos Santos (1911-89), “Ganga Zumba” (Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1964) como “preta cativa, uma cabinda chamada Nossunga.” Lenda ou não, fato é que Dandara representa resistência e cooperação para outras mulheres que habitaram o longo quilombo na guerra, tendo sido representada no filme homônimo do diretor Cacá Diegues como exemplo de força e luta contra a opressão dos senhores de engenho e da opressão colonial, ao lado de seu companheiro, Zumbi. Mas, sobretudo, representa o fundamental papel feminino nos quilombos e mocambos para manutenção material, espiritual e memorial desses locais, como provedoras de roupas, alimentos, utensílios e proteção (ervas e oferendas às divindades) para os quilombolas em suas caçadas e enfrentamentos contra as tropas escravistas do governo. A versão para sua morte é análoga à de Zumbi. Dandara teria se atirado de um precipício para não ser capturada. Apesar do silêncio imposto pelas fontes oficiais, Dandara e outras mulheres guerreiras existiram.

### **Luiza Mahin e os levantes malês**

Luiza Mahin, mulher guerreira de grande articulação política, mãe de Luiz Gama (poeta e advogado abolicionista), assim como outras personagens negras de nossa história, não tem registros sobre suas ações. Porém, através de seu filho, sabe-se que a negra africana viveu em Salvador e depois no Rio de Janeiro. Segundo Gama, ela teria sido perseguida depois dos levantes africanos ocorridos nos anos 1830, especialmente a Revolta dos Malês, de 1835. De acordo com o portal Geledés<sup>5</sup>, a casa de Mahin em Salvador teria sido quartel general de várias rebeliões de africanos na cidade, incluindo a dos Malês. Após perseguição, Luiza teria fugido para o Rio de Janeiro, e o próprio poeta Luiz Gama relatou sua viagem posterior para a Corte e suas expectativas de reencontrar sua mãe. Luiza Mahin teria sido presa e deportada para a África. Como informado nos escritos de Luiz Gama:

Sou filho natural de uma negra africana, livre da nação nagô, de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto, sem lustro, os dentes eram alvíssimos, como a neve. Altiva, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa. (CASA DA MULHER TRABALHADORA - CAMTRA, 2020)

### **Joana da Silva Machada, a “mulher de caminho”**

Mulher de ganho e outras “qualidades” das Minas Gerais (primeira metade do século XVIII), Joana da Silva Machada era escravizada liberta vinda da Costa da Mina. Mandou escrever seu testamento quando vivia na Vila de Santo Antônio, no Recife. Migrou para Minas Gerais numa época em que, em geral, as viagens eram restritas a grupos de ricos, cientistas, naturalistas ou curiosos. Era comerciante de tecidos, roupas e

---

5 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/> . Acesso em: setembro 2021.

outros objetos, tal qual os “homens de caminho”, que transitavam entre as regiões negociando seus produtos, podia ser considerada uma “mulher de caminho” (IVO, 2009, apud PAIVA, 2012, p.12). Percorreu extraordinária extensão geográfica, incluindo o Rio de Janeiro, tornando-se proprietária de joias e até de escravos. Curiosidade: em seu inventário, além da lista farta de utensílios domésticos e roupas de cama e mesa e tecidos, não havia animais de carga, “imprescindíveis para as atividades dessa ‘mulher de caminho’, o que pode indicar pertencimento a alguma rede de negociantes, que, convenientemente, se deslocavam juntos, compartilhando estruturas operacionais, bases de apoio e estratégias de segurança (PAIVA, 2012).”

Durante duas viagens, Joana estabeleceu contatos com homens importantes nas localidades onde negociava. Mulheres com perfil semelhante, tão dispostas a se aventurar em travessias que demoravam semanas, competentes o suficiente para sair do cativeiro e constituir uma rede pessoal e comercial tão alargada, eram raras. Não obstante, existiram e legaram registros documentais sobre suas aventuras (PAIVA, 2012, p.14).

### **Enedina e a luta por espaço**

Enedina Alves Marques (1913-81) nasceu na área rural do estado do Paraná e foi para a capital, Curitiba, para ajudar a mãe nas tarefas domésticas na casa do major e delegado Domingos Nascimento Sobrinho. Foi por intermédio do major que conseguiu ser matriculada nas mesmas escolas que a filha dele, e, aos 12 anos, estava alfabetizada e matriculada no Instituto de Educação do Paraná. Porém não deixou de trabalhar como doméstica e babá para poder prosseguir com os estudos. Após lecionar em diversas escolas públicas, conseguiu se formar em 1945, aos 32 anos, em engenharia civil, e tornou-se a primeira mulher a obter um diploma de ensino superior no estado do Paraná, e a primeira engenheira do país. Antes dela, apenas dois homens negros tinham completado a graduação. Além de enfrentar a realidade de viver no período do pós-



emancipação, em que não houve qualquer oferta de políticas públicas de inclusão social ou educacional para a população negra, Enedina morava em uma região do país de maioria branca, que recebeu incentivo de imigração europeia ao final do século XIX. Enedina trabalhou no Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica, onde atuou no levantamento topográfico e na construção da Usina Capivari-Cachoeira, e também na discriminação de rios e construção de pontes. Chegou a trabalhar ainda no Plano Hidrelétrico do Paraná. Usava macacão e arma na cintura para exercer sua autoridade, e testemunhos contaram que chefou centenas de operários, técnicos e engenheiros ao longo de sua bem-sucedida carreira. Seu nome entrou para a memória da cidade de Curitiba em 1988, batizando o nome de uma rua no bairro de Cajuru. Em Maringá foi fundado o Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, em 2006.

### **Mercedes Baptista: inovação e parcerias**

Mercedes Ignácia da Silva Krieger (1921-2014) foi bailarina e coreógrafa, considerada a maior precursora do Balé e da Dança Afro no Brasil. Nasceu em Campos dos Goytacazes (RJ). Em 1948, Mercedes foi aprovada em concorrido concurso e tornou-se a primeira mulher negra a fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. No entanto, o fato de compor o referido grupo não amenizou o forte preconceito em relação a bailarinos negros, existente no Brasil. Foram poucos os diretores do grupo que selecionaram Mercedes para compor o elenco dos espetáculos. Ainda assim, suas poucas aparições em peças nacionalistas de compositores brasileiros, além de figurações, tornaram a bailarina reconhecida no Rio de Janeiro. Na mesma época em que fez parte do Corpo de Baile do Teatro Municipal, a bailarina realizou inúmeras participações e apresentações junto ao Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento. Ao lado de artistas como Ruth de Souza, Haroldo Costa e Santa Rosa, Mercedes militou pelo reconhecimento e pela integração de atores e dançarinos negros no teatro brasileiro.

No início dos anos 1950, Mercedes conseguiu uma bolsa de estudos com Katherine Dunham (a matriarca da dança negra norte-americana) nos Estados Unidos. Ao retornar ao Brasil, inspirada pela temporada norte-americana, Mercedes montou o seu próprio grupo, decidida a formular uma proposta de dança ligada à cultura afro-brasileira. Neste sentido, a dançarina passou a investigar a dança dos candomblés brasileiros, frequentando a casa do amigo e pai de santo Joãozinho da Goméia, no Rio de Janeiro. A bailarina contava também com a ajuda do pesquisador e folclorista Edison Carneiro.

Durante a década de 1960, Baptista compôs uma pioneira e vitoriosa parceria com os carnavalescos Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, quando foi convidada a criar uma ala de passo marcado para a escola. Na estreia da parceria, a crítica foi extremamente positiva e a Escola sagrou-se campeã. Também merece destaque o ano de 1963, quando Mercedes montou e coreografou a Comissão de Frente da Escola por ocasião do festejado e premiado enredo “Xica da Silva”. O grupo de bailarinos liderados por Baptista dançou o minueto, compondo uma linda coreografia com a Igreja da Candelária ao fundo. A parceria gerou polêmica, pois foi encarada pela crítica da época como ousadia a mistura entre uma artista erudita e a cultura popular do carnaval, mas revolucionou o modo como as alas se apresentavam no carnaval carioca.

Em 1980, o Ballet Folclórico Mercedes Baptista foi retomado e um novo grupo apresentou com sucesso os espetáculos “Orungá e Iemanjá”, “Visita de Oxalá ao Rei Xangô” e “Mondongô”. Em 1982, a bailarina e professora se aposentou pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

## **Makota Valdina e a participação política de mulheres de religião de matriz africana**

A educadora baiana Valdina de Oliveira Pinto (1943-2019), mais conhecida como Makota Valdina, foi uma das principais ativistas contra o racismo e a intolerância religiosa no Brasil. O nome “Makota” vem da função que exercia como conselheira da mãe de santo, no terreiro de candomblé Angola Tanuri Junsara, localizado no Engenho Velho da Federação, em Salvador (BA).

Professora da rede municipal de Salvador, fez parte do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, onde sempre defendeu a preservação das culturas de matriz africana. Por seu trabalho, recebeu diversas homenagens, como o “Prêmio Clementina de Jesus”, da união de negros pela igualdade, o “Troféu Ujaama”, do grupo Cultural Olodum, e a condecoração como “mestra popular do saber”, pela Fundação Gregório de Mattos. Em 2013, Makota Valdina lançou o livro ‘Meu Caminho, Meu Viver’, e na ocasião disse esperar que o livro motivasse as pessoas a registrarem suas histórias, principalmente os negros.

Em 2013, participou do Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha, onde foram registradas em vídeo ótimas falas de Makota Valdina<sup>6</sup>.

E nós temos que falar sobretudo: de educação, de segurança alimentar, de segurança por geral, de saúde...entendeu? Porque nós estamos em tudo! Como é que a gente não vai opinar? Como é que a gente não vai falar?...então esse é que eu acho que é o empoderamento do povo de matriz africana e que antes não tinha voz...e que agora a gente começa a ter, né? Então eu acho que é importante esse empoderamento das mulheres negras hoje...elas já estão indo à universidade, elas já estão se apropriando desse instrumento de poder que é a educação, que é o saber...e o saber a nível

---

6 V Latinidades. Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LrIYkUNxpKI>. Acesso em junho de 2021.

superior. As mulheres estão aí se metendo...pra fazer política..partidária! Porque política nós sempre fizemos. Nós sempre fizemos política. Eu aprendi a fazer política com minha mãe, que era semi-analfabeta! Hoje eu sei disso, hoje eu tenho consciência disso. Entendeu o que eu quero dizer? Mas tá aí...porque é também um instrumento de poder...tá (estar) se organizando para ter voz, não é, no Parlamento. Isso é empoderamento. Agora, eu só chamo a atenção uma coisa: nós mulheres temos que fazer isso, mas sem perder a característica de mulher que nós somos. As mulheres não têm que se masculinizar para ocupar esses espaços. Porque aí é que não vai dar em nada. A gente tem que ocupar esses espaços como mulher, nunca se masculinizando. Porque nós temos uma característica própria de mulher. Ainda que a gente não gere, não 'para' filhos, a maternidade está em nós. A gente é materna. Então a gente tem que ocupar esses espaços. Mas com essa sensibilidade, com esse olhar que só mulher sabe ter. Pra poder construir um mundo diferente desse daí que a gente tá vendo hoje. (FESTIVAL LATINIDADES, 2013).

### **Daiane e o pioneirismo no pódio**

Daiane Garcia dos Santos (10 de fevereiro de 1983, Porto Alegre-RS) foi pioneira em seu esporte, a ginástica artística, diversas vezes. Foi a primeira atleta negra a conquistar a medalha de ouro em um mundial, e a primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha naquele campeonato, entre homens e mulheres.

Em 2004, Daiane dos Santos integrou a primeira equipe completa de ginástica artística a competir em uma Olimpíada, e chegou a ter dois saltos batizados com seu nome, Dos Santos I (duplo twist carpado) e Dos Santos II (duplo twist esticado), os dois com alto grau de dificuldade.

Em entrevista para a revista Marie Claire<sup>7</sup>, em julho de 2021, a ginasta revelou ter sofrido racismo nos bastidores do esporte em que se consagrou, contando episódios na seleção ou em clubes em que algumas pessoas recusaram-se a usar o mesmo banheiro que ela. Também ressaltou a importância do lugar em que chegou, tendo representado todas as meninas negras que têm o sonho de conquistar boas colocações na ginástica ou em outras modalidades esportivas onde ainda é difícil ver atletas negros.

Daiane encerrou sua carreira na ginástica artística em 2012, para dedicar-se a projetos com atletas de alto desempenho e ao trabalho como comentarista esportiva.

### **Jaqueline e a representatividade na Ciência**

Jaqueline Goes de Jesus (Salvador, 19 de outubro de 1989) é uma das cientistas que sequenciou o genoma do novo coronavírus (SARS-Cov-2), agente viral responsável pela pandemia de COVID-19, que chegou ao Brasil em 2020. Biomédica, Doutora em Patologia Clínica pela UFBA e pesquisadora do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (IMT/USP), Jacqueline Goes é filha de uma enfermeira e de um engenheiro civil, que através de seus esforços conseguiram os recursos para que ela prosseguisse os estudos até a universidade, incluindo mestrado e doutorado, e ocupasse um lugar de representatividade para outras pessoas que sonham com a carreira de cientista (disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58578896>, acesso em outubro de 2021).

Jaqueline explica que a importância da geração de genomas virais, principalmente de vírus emergentes, é entender como se dá a introdução dos mesmos em determinada população e observar as taxas de dispersão, por exemplo. “O nosso trabalho, assim como o de outros pesquisadores que fazem sequenciamento genômico, é

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/bem-estar/noticia/2021/07/daiane-dos-santos-na-selecao-tinha-gente-que-nao-queria-usar-o-mesmo-banheiro-que-eu.html> Acesso em julho de 2021.

justamente trazer informações genéticas, que aliadas às informações epidemiológicas, permitem entender melhor o surto e tomar decisões baseadas na compreensão da dispersão do vírus”, detalha.

A cientista foi homenageada com a Comenda Zilda Arns em 2020. A comenda Zilda Arns tem por objetivo reconhecer o mérito do trabalho de pessoas que tenham se dedicado ao processo de desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e da garantia do direito humano à saúde. Em 2018, a entrega foi feita para o especialista em Saúde Pública Gilson Carvalho e em 2019 a homenagem do CNS foi para a liderança histórica dos povos indígenas Cacique Raoni.

## 5 ROTEIRO

Abaixo apresento o roteiro do Projeto Audiovisual “A viagem de Zuri.”

### **A viagem de Zuri**

Era uma vez uma menina-moça de 13 anos de idade, chamada Zuri, que significa bonita em suaíli.

Seu nome fazia jus àquela linda menina: Zuri tinha a pele negra e reluzente como a noite estrelada, cabelos crespos que adornavam sua cabeça como uma coroa, olhos amendoados, cor de avelã.

Zuri tinha passado sua infância muito feliz, embalada pelas histórias da avó, pelo colo quente da mãe, pelo abraço e pelas brincadeiras do pai e pela parceria nas travessuras com os irmãos.

Zuri morava em uma casa no alto de uma rocha, que descortinava a vista de uma maravilhosa cidade do Brasil. A esta montanha-rocha Zuri reverenciava como divindade. Era assim que sua mãe e sua avó a ensinaram. Sua avó dizia: “Zuri, hoje Jiwe La Sukari (=pedra de açúcar) está acabrunhada, melhor não sair, hoje, sim?” Para situações decisivas, a consulta à grande montanha era certa. E Zuri obedecia, pois tinha respeito pela ligação que as mulheres tinham com aquela montanha.

A menina Zuri gostava de andar de skate. Fazia manobras radicais, subindo e descendo as ladeiras de seu bairro, resvalando por meios-fios, evoluindo em piruetas, 360 graus, caindo de joelhos, de cotovelos, mas sorrindo, gargalhando sempre. Tinha um sonho: ser capaz de alcançar outros mundos com sua prancha de 4 rodas, conhecer outros países, outras experiências de vida, outros planetas.

Sua mãe se preocupava com as peraltices de moleca da filha esquetista, porém no fundo do peito sabia que a filha estava ancorada em valores profundos de suas ancestrais. E sonhava o sonho de sua filha, não por querer estar em seu lugar, mas sim por acreditar que Zuri estava pronta para desbravar o mundo e conquistá-lo, tendo ela como uma de suas apoiadoras.

Zuri gostava de ler sobre as mulheres que conquistaram espaços tradicionalmente dominados pelos homens, em diversos campos do conhecimento. Ouvia de sua avó Histórias de linhagens do matriarcado no coração do continente africano. Ouvia sobre Nefertiti e sobre as Candaces, mulheres que geriam a agricultura, a guerra, os escribas e o comércio marítimo. Que decidiam sobre espólios de guerra quando da conquista de outros reinos. Mulheres que reverenciavam deusas e deuses e sabiam se comunicar com a lua e as estrelas. Sua mãe, em reverência silenciosa, também contava histórias, informando sobre o momento em que a dor, o sofrimento e o desafio tornaram-se partes importantes do exílio forçado de suas ancestrais. Este momento, repetia, chama-se Diáspora, e tratou-se de uma ruptura de várias famílias, de diversas origens, feita à força, ocasionado pelo sequestro de homens, mulheres e crianças negras do ventre africano, no intuito de formar grupos de trabalhadoras e trabalhadores escravizados do outro lado do Atlântico. "Entretanto, sua mãe repetia: convém nunca esquecer. Você é descendente de linhagens de mulheres de comando, de rainhas e reis que se comunicam com o cosmos e com a natureza. De mulheres que conquistaram espaços de sabedoria e conhecimento com altivez, axé e apoio de outras mulheres. E você também conquistará, Zuri! Você é luz, minha filha!"

Uma tarde, após uma aula on-line de história, Zuri ficou incomodada, perplexa, irritada. Seu professor tinha convocado a turma para se imaginar entrando num túnel do tempo, rumo ao passado distante, até o Brasil-Colônia. Olhando através da câmera do computador, afirmou que aquela sala representava bem a população da época colonial do país. Dizendo o nome de três alunos de pele bem branca, olhos e cabelos claros, chamou-os de "sinhozinhos e sinhazinhas da casa-grande". Os negros e negras de pele clara, chamava-os de "capitães do mato", "amas de leite", "criadagem de sinhás". E às negras e negros de pele retinta, foi taxativo: "e vocês são os fortes de corpo e fracos de alma, os da labuta, os que plantam de sol a sol e apanham: os escravos da senzala." Zuri não acreditava no que ouvia. Suou frio, mutou o áudio e desligou a câmera do notebook, mas ainda pôde ver a expressão de deboche de uns, espanto de outros. Colocou os fones



de ouvido e selecionou uma música no maior volume. Diante do torpor do momento, esperou os infindáveis dez minutos até a despedida do professor. Ao ouvir o "até logo", que soou como um estrondo, saiu correndo com mochila e skate, voou pela escadaria do prédio e sumiu no calor e na poeira da rua.

Zuri manobrava seu skate em meio ao burburinho da cidade, Xênia França no mais alto volume aos ouvidos, mas o barulho maior vinha do ouvido interno de sua cabeça, que latejava ao repetir as palavras do professor: "fortes de corpo...fracos de alma...fortes...fracos...escravos..." A menina acelerava ainda mais entre calçadas, escadas, rampas e ladeiras, o batuque nos fones misturado ao batuque de seu coração cada vez mais acelerado, até que...seus olhos foram ofuscados pelo prisma formado pelos raios do sol ao cair da tarde...Zuri se viu perto da montanha-divindade. Jiwe La Sukari está tão próxima que parece pulsar e se aproximar da menina, como que a atraísse para seu interior, e Zuri pôde até ouvir: "Zuri, Zuri...venha, por aqui!" A menina então começa a ficar com a vista embaralhada, sente-se tonta, um peso no alto da cabeça, até que não vê mais nada.

Vários planetas. Zuri sente seu corpo flutuar. Mas não está flutuando, talvez levitando? Olha para o próprio corpo, abaixando o queixo no peito e se deslumbra com suas roupas: um traje amarelo-ouro, por baixo de um quimono de barras desenhadas, braceletes e anéis. Segura suavemente os cabelos, e sente que estão arrumados em um penteado majestoso. Sente um impulso que a faz ir para a frente, e percebe que seu skate ainda está sob seus pés, mas em vez de rodas, agora há pequenas turbinas que o fazem disparar em qualquer direção, num vasto universo de luzes e cores. Sim, Zuri agora está no vazio do espaço sideral, repleto de asteroides, estrelas e planetas, por onde pode passear, acelerar e desacelerar ao comando de seus pensamentos.

Em meio ao deslumbramento, espanto e receio, Zuri vai se aproximando com seu skate intergalático de um dos planetas que surge à sua frente. Uma névoa lilás e amarela faz surgir a silhueta de uma mulher imponente, altiva, que cobre toda aquela imensa atmosfera, e envolve completamente o corpo de Zuri, que se vê agora reduzida

ao tamanho de uma semente. A silhueta então se apresenta: “Bem-vinda ao Planeta Dandara, Zuri. Aqui você encontra o espírito guerreiro das mulheres quilombolas. Neste planeta você pode encontrar comunidades forjadas na luta pela liberdade, na estratégia de intercâmbio de tecnologias e no acolhimento de irmãos e irmãs.” Zuri não acredita no que ouve, mas a voz envolvente de Dandara de Palmares continua: “você há de buscar os seus quilombos, Zuri, eles estão perto de você, nos espaços sagrados, nas cantigas de sua avó, nas rodas de slam das ‘skatistas’, nas tecnologias de resistência da cultura negra...” Zuri ouve atenta a líder quilombola, companheira de Zumbi, que no século XVII escolhera o precipício a viver sem liberdade. As brumas que cobrem o planeta vão lentamente se dissipando e Zuri se vê no alto de uma montanha, um morro chapado, que junto com outros morros formam um mar montanhoso sobre um vale verdejante.

E então, ao olhar para o horizonte, acima das montanhas, vê um portal envolto em uma neblina que se abre no céu púrpura revelando novamente o espaço sideral, e Zuri logo está *arrancando* com sua prancha alada para seu interior. Em instantes a esqueitista está de novo no espaço entre luzes, gases e pequenas explosões inaudíveis. Eis que uma névoa branquinha, com lampejos azul-esverdeados, se abre em um corredor convidando a dançarina do espaço a atravessar. A menina vai entrando e logo a imagem de uma mulher idosa, com um turbante na cabeça, vai se delineando em ambas laterais daquele corredor envolvente. Então a voz daquela figura começa a reverberar: “Sou Makota Valdina. Muito prazer, Zuri. Sou conselheira das mães-de-santo. Venho de uma época em que mulher não se empoderava, sobrevivia, enfrentando a todos para preencher os espaços de poder. Sou filha de uma mulher que sempre fez política, mesmo sendo semi-analfabeta. Fazer política, para nós mulheres pretas, é ocupar todos os espaços, levando nosso conhecimento. Enquanto mulher de religião de matriz africana, nem sempre isso foi possível. Mas assim como minha mãe me abriu os caminhos pela escuta atenta, eu também abri caminho para que muitas mulheres pudessem entrar em outros ambientes, o ambiente acadêmico das universidades, o

parlamento, espaços de discussão e de luta. E tudo isso sem nunca perder nossa característica de ser mulher. Pois a nossa potência é a sensibilidade, é a maternidade, é a geração da vida, geração de projetos, o poder da criação é nosso, pequena grande Zuri. Nunca se esqueça!” Zuri sorri entre lágrimas de emoção, enquanto desliza para o fim do corredor, e novamente ganha o universo brilhante, a voar...

Eis que uma espiral de luzes vermelhas e azuis surge então, provocando um efeito de sucção no skate da moça, levando-a para um grande vácuo onde surgem figuras geométricas, que se formam e se desmancham sem parar. Até que uma figura humana se forma à sua frente, com o mesmo traço de luzes. Ela está de macacão e porta uma arma na cintura, e uma prancheta às mãos. A imagem se apresenta: “Jovem Zuri, como vai? Sou Enedina Marques, uma mulher como dizem por aí, 'à frente do seu tempo.' Sou a primeira mulher a se formar como engenheira no estado do Paraná, nos idos de 1945. Consegui terminar meus estudos de magistério trabalhando como babá e empregada doméstica, e, ao cursar a faculdade, enfrentei muito preconceito, pois, se para nós, mulheres, a luta é grande, para nós, mulheres negras, a carga de enfrentamento é maior, inclusive muitas vezes exigindo que façamos escolhas entre a vida pessoal e profissional. Se valeu a pena? Ah, valeu a pena! Fui a pioneira em um ambiente tão machista e hostil e pude comandar vários homens, e fiz parte de projetos de grande porte, como a construção da Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira. Acho que vale, né? Pois é, minha jovem, são nossas lutas que fazem as mais novas resistirem e se inspirarem. Caminhe, minha linda, não se curve e não esqueça de sorrir, sempre!!!”

Zuri permanece maravilhada e atenta a tudo que lhe acontece, tão maravilhada que se deixa levar pelo movimento em *loop* circular que começa a fazer com sua prancha cósmica, até entrar em outro portal, que se abre em um céu azul celeste primoroso, abaixo do qual se espalha uma campina verdejante, dividida em quadrados perfeitos. Ela sobrevoa esta paisagem por um tempo, até perceber que lá embaixo está uma moça - pequenina e gigante ao mesmo tempo - numa evolução de movimentos aéreos e de solo, piruetas, saltos, braços e pernas estendidas, e Zuri se arrepia, não

acredita no 'duplo Twist carpado' que reconhece ao se aproximar do tatame formado pela relva. Daiane dos Santos a recebe com sorriso e braços abertos: "Olá, Zuri, seja bem-vinda ao Planeta Daiane! Aqui você encontra muitas histórias de dedicação ao esporte brasileiro, minha querida. Aqui nós seguimos o exemplo das que vieram antes de nós, como nossas pioneiras, as atletas Aída dos Santos, Wanda dos Santos, Melânia Luz. Apesar de muitos avanços, muitas de nós ainda não conseguimos nos dedicar integralmente ao esporte, e treinamos quando sobra algum tempo e contamos com algum incentivo, mesmo que somente de nossas famílias. Ao me verem executar meus saltos, 'Dos Santos I' e 'Dos Santos II', muitos se surpreendiam: 'como pode uma menina de menos de metro e meio conseguir saltar quase o dobro de sua altura?' Sabe, Zuri, quando eu salto, eu não estou sozinha. Quando eu me tornei a primeira ginasta negra no mundo a ganhar uma medalha de ouro em um mundial de ginástica artística, eu sabia que estava representando todas nós. Eu sabia que os rostos virados e as situações de exclusão não cessariam. Mas eu mostrei que ali, no pódio, EU também poderia estar. E que outras meninas pretas também poderiam chegar a esta conquista." Daiane estende os braços e segura Zuri segura pelas mãos. A ginasta projeta seus braços e lança a skatista de volta ao ar.

Zuri encontra o espaço novamente, e entregue àquele estado de satisfação e euforia, passa por anéis entrelaçados que se fecham em um núcleo dourado, que a absorve em uma cortina de fumaça em movimento, uma dança cósmica que invade o espaço e transforma tudo em claridade de luzes coloridas, um palco com refletores. Nele está uma mulher de turbante, evoluindo em uma dança afro com pitadas de balé moderno e passos do minueto. A linda mulher se apresenta: "como vai, Zuri? Sou Mercedes Baptista, primeira bailarina negra a fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Sou de uma geração de artistas que abriu espaço para a cultura negra dentro das artes ditas clássicas, como o balé e o teatro. Eu criei meu balé folclórico para revelar a dança ancestral dos orixás em apresentações no Brasil e em outros países. Mas também trouxe o minueto e ousadamente o coloquei na comissão de

frente de uma escola de samba (*lá vem Salgueiroooo!*). Fiz parte do Teatro Experimental do Negro, junto com Abdias do Nascimento e Ruth de Souza, e do grupo de balé moderno da matriarca de dança negra norte-americana, Katherine Dunham. Nossos espaços existem, Zuri. Podemos ser deixadas no fundo do palco por um tempo, mas se nós nos unirmos saberemos criar e nos transformar para ocupar a frente, a resposta está em nossas raízes."

Zuri vê a cortina do palco colorido se fechar e revelar o espaço iluminado novamente, mas agora o palco está vazio. Lá no fundo vê o Planeta Azul que conhece tão bem, e de repente está no alto de Jiwa la Sukari, entre pedras e cachoeiras. À frente de uma cachoeira, em cima de pedra, Zuri vê uma boneca, de jaleco branco e cabelo black power. A boneca fala com ela: "Então, Zuri, como foi o passeio?" Zuri pergunta quem ela é, a boneca responde: "sou a doutora Jaqueline Goes de Jesus, a médica cientista que sequenciou em tempo recorde o genoma do coronavírus, apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil!. Lá na época da pandemia, junto com outras cientistas do mundo, fui homenageada pela empresa desta boneca famosa, que tal? Além de negra, uma mulher biomédica, cientista, que serve de modelo de inspiração para outras meninas e mulheres, não é algo tão simples, né, Zuri, quem poderia imaginar uma coisa dessas dez anos atrás? Eu não! O que eu fiz é até muito comum para o nosso grupo de pesquisa lá do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, mas realmente, quando nós, mulheres negras, chegamos em lugares onde todos acham praticamente impossível, isso é a prova de que a diversidade é essencial em todos os campos de conhecimento. E olha, quando eu era uma criança, eu gostava de brincar com esta boneca, agora imaginar que eu estaria nela assim, de jaleco e tudo, que emoção!!!" Zuri se estica para pegar a boneca em suas mãos, quando ouve o sussurro do vento, La Sukari fala com ela: Zuri, levanta, você tem suas ancestrais bem perto de você, você tem a mim, a resposta é você falar sobre as conquistas de todas essas mulheres, pois elas também são as suas...fale, Zuri, ocupe os espaços, não se ofusque em falas racistas..." Zuri escuta e de repente sente o toque de sua mãe, que a acorda e a

ajuda a levantar: “Zuri, Zuri, o que aconteceu? Você caiu?” Zuri responde: “Acho que caí, mas em sono profundo, ou uma viagem profunda... mas estou bem, estou, agora sim, mamãe, estou bem. Agora sei o que fazer, vou apontar o preconceito que sofri à direção da escola, mamãe. Vamos que vou contar o que aconteceu para você e para vovó.” E as duas saem abraçadas, Zuri carrega seu skate pelo caminho emoldurado por Jiwa La Sukari até sua casa. FIM.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho faz parte de um movimento próprio de descoberta de minha identidade negra e de cura de traumas causados em minha infância e adolescência pelo ambiente familiar e por uma escola que, ainda hoje, apesar do respaldo legislativo, persiste em reproduzir visões reducionistas da participação de mulheres negras na História do Brasil e reforçam padrões estéticos dominantes, promovendo, assim, o esmagamento da autoestima de crianças e jovens.

A viagem de Zuri, ao resgatar um episódio difícil de minha própria adolescência, fomenta a possibilidade de outras adolescências, impulsionadas pela proximidade com a sabedoria das mulheres mais velhas e pelo descortinar de personagens femininas negras tão importantes para o espelhamento (imagético e intelectual) de meninas e meninos entre 12 e 15 anos de idade. A diversidade presente nessas personagens é estabelecida por sua atuação profissional, entretanto, há características comuns entre elas, que dizem respeito ao enfrentamento da engrenagem de opressão imposta pelo colonialismo, pelo regime escravocrata patriarcal e pelo racismo e machismo estruturais presentes em nossa sociedade. Dandara de Palmares prefere a morte a perder sua liberdade. Enedina Marques lidera subordinados no mundo masculino e cartesiano da engenharia. Makota Valdina ousa ao levar conceitos da cultura iorubá para fora do terreiro. Daiane dos Santos sobe nos pódios e inova em saltos e movimentos. Mercedes Baptista transita entre o “erudito” e o “popular” na dança. Jaqueline Goes propõe que a ciência, qualquer ciência, tenha voz e representatividade.

A duração do produto audiovisual, considerada longa para o formato “a jato” que o mundo das redes sociais impõe, com seus “tik toks” e “reels”, será ajustada para uma versão mais curta, de forma a adaptar-se para o Instagram ou YouTube. A versão apresentada neste trabalho, que podemos chamar de original, trata de apresentar um projeto-piloto de contação de histórias em vídeo para o público infantojuvenil, que poderá ser desdobrado em capítulos individuais. Estes capítulos apresentariam tanto histórias de personagens negras da história do Brasil (as seis mulheres apresentadas em *A viagem de Zuri* teriam suas próprias histórias), como histórias escritas por autoras negras brasileiras, de temática negra ou afro-brasileira. A ideia é unir forças com professoras e professores de disciplinas variadas em escolas públicas e privadas, de

forma a se construir uma “curadoria” pedagógica para as histórias a serem criadas e as que serão escolhidas. Nesta intenção, a participação de alunas e alunos é fundamental. As professoras vão poder incentivá-los a criarem suas próprias versões sobre a história apresentada, mesmo que em outros formatos e linguagens: poesia, música, história em quadrinhos, jogos, fanzines, etc.

Os caminhos para uma educação antirracista exigem um debruçar afetuoso de toda a comunidade escolar sobre as realidades de alunos e professores. E esta escuta afetiva pode e deve considerar a troca de experiências, a construção da identidade negra de meninas e meninos, o foco em protagonismo juvenil, a observação e escutas atentas, e o incentivo aos relatos e às *escrevivências* de meninas e meninos.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tarik. ANDREATTI, Gabriela. Escrivivências da Pós-colonialidade: memória e violência nos Becos da Memória, de Conceição Evaristo. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v.16, n. 27, 2020. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/24715/16063>. Acesso em: dez 2021.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- CASA DA MULHER TRABALHADORA (CAMTRA). **#Julho das Pretas: Luiza Mahin**. 2020. Disponível em: <https://camtra.org.br/julhodaspretas-luisa-mahin/>. Acesso: junho 2021.
- CNS vai homenagear Jaqueline Góes de Jesus, cientista que mapeou o genoma do coronavírus.. **Conselho Nacional de Saúde**, 30 março 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1670-cns-vai-homenagear-jaqueline-goes-de-jesus-cientista-que-mapeou-o-genoma-do-coronavirus>. Acesso: junho 2021.
- DAIANE dos Santos: “na seleção tinha gente que não queria usar o mesmo banheiro que eu.” **Marie Claire**, São Paulo, 24 julho 2021. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/bem-estar/noticia/2021/07/daiane-dos-santos-na-selecao-tinha-gente-que-nao-queria-usar-o-mesmo-banheiro-que-eu.html>. Acesso em: julho 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- EDUCADORA e líder religiosa Makota Valdina morre em Salvador. **G1 BA**, Salvador, 19 março 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/03/19/educadora-e-lider-religiosa-makota-valdina-morre-em-salvador.ghtml>. Acesso em agosto 2021.
- ‘ESFORÇO para ciência no Brasil é 4 vezes maior’, diz biomédica que sequenciou coronavírus e ‘virou’ Barbie. **BBC News**, São Paulo, 16 setembro 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58578896>. Acesso em: out. 2021.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In: Z Cultural*. Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, ano XV, n. 03, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/> Acesso em: dez 2021.
- FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Makota Valdina: você sabe quem foi essa educadora?** *In: Canal Futura*. Homepage. Disponível em: <https://www.futura.org.br/makota-valdina-quem-foi/>. Acesso em: ago. 2021.
- GOMES, Flávio dos Santos. LAURIANO, Jaime. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO.** *In:* Museu Afro Brasil. Homepage. Pesquisa. História e Memória. Mercedes Baptista. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/mercedes-baptista>. Acesso em: out. 2021.

JAQUELINE Góes de Jesus criticada por transpor a bancada do laboratório. **Minas Faz Ciência**, Belo Horizonte, 25 novembro 2020. Disponível em <https://minasfazciencia.com.br/2020/11/25/jaqueline-goes-de-jesus-criticada-por-transpor-a-bancada-do-laboratorio/>. Acesso: ago. 2021.

LIMA, Márcia. RIOS, Flavia (org.). **Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

LIMA, Mônica. **História da África**. Aula 1. *In:* História da África, vídeo do YouTube do canal de Amilcar Ifê. 26min42seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuy5CvRFyBQ>. Acesso em: set 2021.

MAKOTA Valdina parte 02 – V Latinidades – **Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha**. Vídeo do YouTube, canal Afrolatinas, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LrIYkUNxpKI>. Acesso em: junho 2021.

PAIVA, Eduardo França. Mulheres de diversas “qualidades” e seus testamentos na colonial, escravista e mestiça capitania das Minas Gerais. *In:* FARIAS, Juliana; GOMES, Flavio; XAVIER, Giovana (org.). **Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.

PORTAL GELEDÉS. **Luiza Mahin**. Publicado em 25 julho 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/>. Acesso em: setembro 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

STAM, Robert. **Multiculturalismo Tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema Brasileiros**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores Civilizatórios e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. *In:* A cor da cultura. Saberes e Fazeres. Modos de Brincar. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/166144-Modos-de-brincar-5-c-a-d-e-r-n-o-d-e-s-a-b-e-r-e-s-fa-z-e-r-e-s-e-at-i-v-i-da-d-e-s.html>. Acesso em: out. 2021.

SILVA, Celso Cisto. Do Griô ao Vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 09, n. 02, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43352>. Acesso em: out. 2021.

